

Os Livros de "Introdução à Enfermagem" sob o Enfoque da Educação Crítica e Emancipadora¹

Paulo Bruno*

O livro que ensina o cuidado

No momento em que se discute a educação profissional a partir de diretrizes emanadas da nova LDB, Lei nº9394/96,² que originou o Decreto nº2208/97,³ com a preocupação de considerar o perfil de competências necessárias às várias atividades em nível técnico, torna-se importante verificar que literatura tem sido oferecida ao público que procura os cursos profissionalizantes da área de Saúde, na busca de uma educação que permita "aprender a aprender" a práxis da Enfermagem, ou seja, a prestação de cuidados.

A observação empírica parece mostrar um universo muito limitado de oferta literária adequada ao ensino dessa prática, tradicionalmente relacionada a técnicas incluídas em uma disciplina clássica no mundo da Enfermagem: Introdução à Enfermagem.

* Paulo Bruno é Enfermeiro. Assessor Técnico do Departamento Nacional do Senac. Mestre em Enfermagem pela Universidade do Rio de Janeiro– UNIRIO.
E-mail: pbruno@unisys.com.br

Essas considerações me levaram a realizar uma pesquisa que buscasse preencher uma lacuna existente nos estudos sobre ensino de Enfermagem: o ensino do cuidado nos livros dirigidos aos cursos de nível médio, sob o ponto de vista de uma enfermagem que precisa atender à humanização da assistência num mundo que sofre uma agressiva transformação tecnológica, com repercussões econômicas, políticas e sociais.

Através de um levantamento realizado no ano de 1998, no município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, identifiquei 19 escolas de Enfermagem em nível médio. Essas escolas utilizavam 4 diferentes livros didáticos na disciplina Introdução à Enfermagem. Constatei também que outras 11 escolas, que usam apostila nessa disciplina, utilizavam os mesmos livros como fonte de consulta ou através de cópia de textos e ilustrações dessas obras.

Estudando esses livros, confrontei-os com as necessidades do público que normalmente utiliza essas obras, a partir de uma proposta pedagógica crítico-emancipadora ("que percebe quais são os determinantes fundamentais da forma de funcionamento da sociedade" 4). A idéia básica era que os livros atendessem simultaneamente às exigências de uma formação dirigida à cidadania e ao mundo do trabalho, assim como as particularidades da disciplina Introdução à Enfermagem – as técnicas de prestação de cuidados e os princípios científicos que as justificam.

No decorrer do estudo, realizei uma leitura crítica, considerando parâmetros relacionados ao processo de cuidar e aceitando o pensamento de Kelly citado por Waldow, de que "a enfermagem não é possível quando inexistente cuidado".⁵

Segundo Waldow:

"O processo de cuidar é aqui definido como o desenvolvimento de ações, atitudes e comportamentos com base em conhecimento científico, experiência, intuição e pensamento crítico, realizadas para e com o paciente/cliente/ser cuidado no sentido de promover, manter e/ou recuperar sua dignidade e totalidade humanas. Essa dignidade e totalidade englobam o sentido de integridade e a plenitude física, social, emocional, espiritual e intelectual nas fases do viver e do morrer e constitui, em última análise, um processo de transformação de ambos, cuidadora e ser cuidado." 6

Esta é uma conceituação extremamente importante, por oferecer uma visão ampla, dinâmica e atual do cuidado – cuidado humano, capaz de transformar o cuidador (profissional de enfermagem) e o ser cuidado (o cliente/paciente) –, que Waldow salienta como uma questão que

emerge no que diz respeito ao preparo dos "agentes responsáveis pelo cuidado direto – auxiliares e técnicos de enfermagem".⁷

Com relação à produção de textos, Araújo lembra, com propriedade, a insistência do Padre Antonio Vieira quanto à clareza "pois as palavras devem cair no papel como o trigo das mãos do semeador".⁹ Cita também um pensamento célebre de Boileau: "o que se concebe bem se enuncia claramente, e as palavras para dizê-lo chegam facilmente".¹⁰

Acredito que para atender a um projeto que realmente leve o leitor a construir o seu conhecimento, o autor também deve possuir e despertar a "curiosidade epistemológica" que, no entender de Freire,¹¹ significa buscar, inquirir o conhecimento, construindo-o através da re-significação dos sentidos e das palavras.

E, para elaborar um texto que atenda a essas expectativas – sendo claro no que diz e usando a linguagem do leitor, sendo coerente e despertando a "curiosidade epistemológica" do aluno – é importante que o autor "conceba bem" aquilo que quer transmitir, ou "pense certo", conforme afirma Freire: "Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que às vezes pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo".¹²

ANÁLISE DOS LIVROS

A partir de um grande eixo – o cuidar – estabeleci critérios de análise baseados em três pontos essenciais e presentes em qualquer livro didático: texto; exercícios e atividades; e bibliografia. Dessa forma, escolhi para análise alguns aspectos do livro didático encontrados em obras sobre sua produção e avaliação, como Almenara,¹³ que propõe vários critérios a serem considerados na avaliação dos meios de ensino. Todos incluem aspectos que interferem na leitura e, conseqüentemente, na possibilidade de construir novos significados. Além disso, considerei interessante observar se o texto valorizava as necessidades da população, as condições do mercado de trabalho, e finalmente, como se definia na construção de uma cidadania participante e solidária, preocupações próprias a uma educação profissional crítica mais adequada do ser que presta cuidado humano.

Em linhas gerais, a análise respeitou a seguinte ordem:

a) Quanto aos textos:

- apresentação de capítulos e tópicos favorecendo o entendimento dos temas;
- utilização de linguagem próxima ao aluno;
- questionamento promovendo a necessidade de criação;
- contextualização das imagens;
- clareza na apresentação dos princípios científicos;
- utilização de conhecimentos de várias áreas;
- enfoque de valores e atitudes básicas;
- destaque dado a aspectos das atividades de enfermagem.

b) Quanto aos exercícios e atividades:

- proposição de exercícios problematizadores e atividades variadas;
- estímulo à aplicação dos conhecimentos em realidades diversas.

c) Quanto à utilização de bibliografia:

- indicação de livros e textos com o propósito de promover a aprendizagem por descobrimento, permitindo ao leitor/aluno construir seu próprio conhecimento;
- utilização de idéias originárias de pesquisas recentes.

Definidos os pontos básicos dessa pesquisa – a importância do cuidar em enfermagem, por exemplo –, passo a descrever minhas observações durante a leitura e análise dos livros escolhidos. Para evitar qualquer possibilidade de esse estudo ser visto como fonte de valorização

ou descrédito dessas obras, ou de seus autores, citarei os 4 livros da seguinte forma: livro A, livro B, livro C e livro D.

A análise mostrou que o livro A se destina à qualificação do Auxiliar de Enfermagem através do ensino supletivo, e se propõe a "facilitar ao aluno a construção de novos conhecimentos a partir dos que ele possui". Propõe a realização de debates, plenária, análise, planejamento, visitas e sistematização, e recomenda, para sua aplicação eficaz, uma atualização técnico-pedagógica do professor. São oferecidos textos de apoio e solicitados trabalhos de grupo sobre situações fictícias, levantamentos no grupo, seguidos de análise, apresentação e plenária. Neste sentido, o livro acompanha Freire, quando afirma que: "Educação e investigação temática, na concepção problematizadora da educação se tornam momentos de um mesmo processo".¹⁴

O livro B tem uma formatação interessante, clara, facilitando a localização dos temas, apesar de seguir uma distribuição por afinidades técnicas, nem sempre favorecendo uma compreensão da complementaridade das muitas informações oferecidas. Por exemplo, as informações sobre controle de infecção nem sempre são adequadamente aproveitadas em capítulos onde poderiam reforçar procedimentos técnicos.

Este livro parece seguir a pedagogia tecnicista, criticada por Saviani:

"[...] trata-se de desenvolver as técnicas adequadas à preparação, à qualificação, à capacitação, à habilitação dos indivíduos para exercerem determinadas funções produtivas no âmbito da sociedade."

"[...] A educação é, pois, entendida como uma técnica de intervenção social ou uma técnica de controle social" ¹⁵

No livro C, os textos dos capítulos são precedidos por uma relação de objetivos a serem alcançados. Cito, como exemplo: saber o conceito de enfermagem e a sua evolução no Brasil; conhecer as necessidades físicas do paciente; promover atendimento às necessidades religiosas do paciente; fazer a distinção entre cuidados e observações, durante o banho no leito. Essa forma de direcionar os capítulos também lembra a pedagogia tecnicista, particularmente em momentos como o apresentado por Mager:

"O ensino é eficaz quando consegue:

- modificar alunos
- em direções desejadas
- ao invés de direções indesejáveis." ¹⁶

Essa expectativa pedagógica se contrapõe à crítico-emancipadora, que afirma a necessidade de "uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política" ¹⁷

Da mesma forma que no livro B, a elaboração de textos a partir dos "objetivos operacionais", que atingissem os níveis "cognitivo, afetivo e psicomotor", como classicamente se aprendia na década de 70, constitui um quadro destoante em relação à necessidade de profissionais aptos a lidar com o atual mundo do trabalho. É uma perspectiva que marca todo o projeto do livro C.

O livro D distribui seu texto em várias partes, sendo a primeira dedicada ao tema "Introdução à Enfermagem", e as seguintes às outras disciplinas previstas na estrutura clássica dos cursos Técnico e Auxiliar de Enfermagem. Propõe uma "finalidade prática de preparar ou reciclar estas categorias profissionais", acreditando abordar "todos os assuntos relacionados ao exercício da profissão". Numa linha claramente tecnicista, pretende colaborar no ensino de técnicas adequadas à preparação dos indivíduos para exercerem funções produtivas na sociedade, perspectiva semelhante à apresentada nos livros B e C.

OS TEXTOS

Conforme constatei, a maioria dos livros didáticos de Introdução à Enfermagem pesquisados não procura uma integração entre os temas. Muitas vezes, eles reapresentam alguns assuntos, sem buscar uma relação com informações existentes em capítulos anteriores.

Como exemplo, cito o tema "controle da infecção", encontrado no livro C. Acredito que esse tema torna complementares os capítulos "Infecção Hospitalar" e "Comissão de controle de infecção hospitalar – CCIH", encontrados nesse livro. No entanto, foi colocado entre eles o capítulo "Fatores de segurança, conforto e prevenção de acidentes", quebrando a continuidade do tema. O autor perdeu a oportunidade de aproximar tópicos evidentemente associados, o que reforçaria informações e estimularia a construção de novas formas de aplicação desse conhecimento. Ao encontrar um tema novo – acidentes – interposto entre os capítulos, o leitor/aluno recomeçará o assunto infecção como se fosse algo novo, um tópico independente, perdendo referenciais já apresentados em capítulo anterior, podendo levar o leitor/aluno a pensar que não há uma óbvia complementaridade entre "infecção hospitalar" e a "CCIH". Na melhor das hipóteses, um bom aluno/leitor terá que voltar ao primeiro capítulo para buscar uma relação que o livro não se preocupa em fazer.

O leitor/aluno inicia, assim, uma leitura como se fosse um conhecimento à parte dos demais, o que pode levar a uma visão fragmentada do procedimento, um pedaço segmentado de ciência e técnica. Conhecedores da realidade assistencial, os autores/educadores poderiam escolher alguns temas básicos – geradores –, como: controle da infecção, nutrição, conforto, comunicação, a partir dos quais desenvolveriam as bases científicas comuns que dariam origem a procedimentos técnicos integrados. Afinal, no momento do desempenho profissional, o indivíduo atua integradamente, conhecimentos interrelacionam-se, contrastam-se, complementam-se, ampliam-se, influem uns nos outros.

Alguns livros não seguem padrões regulares em relação a títulos, itens e subitens, espaços entre os tópicos, tipo de letras (normal, itálico ou negrito), tamanho, recuos, espaçamentos e entrelinhas. Nesse sentido, não só passam uma idéia de trabalho improvisado, como acarretam confusão no momento da leitura.

A busca por uma linguagem adequada parece ser uma constante nos vários livros; no entanto, a linguagem técnica ainda pode criar muitos obstáculos para o leitor/aluno que não tenha acesso a um bom dicionário médico, livros de clínica médica e cirúrgica ou alguma vivência da assistência em serviços de saúde.

O livro D, por exemplo, utiliza expressões e termos que não são esclarecidos no momento em que são utilizados, nem identifica fonte de consulta, o que pode dificultar o leitor/aluno na compreensão do procedimento. Cito alguns exemplos: "pressão sistólica", "pressão diastólica"; "balanço negativo para N, P, S e Ca"; "Tb (bacilo de BAAR)"; "sifonagem"; "adstringente, desinfetante".

Muitas expressões e termos técnicos são usados nos quatro livros como se o leitor tivesse, como pré-requisito, o conhecimento dessa linguagem. Esse fato ocasiona uma leitura difícil, considerando a imperiosa consulta a outras obras. No entanto, essa leitura poderia ser facilitada não só através da conceituação de alguns termos, própria a esse momento do processo ensino-aprendizagem, mas também pela utilização de termos mais próximos ao modo de dizer do aluno, ou que fosse acompanhada de vocabulário, notas de rodapé ou mesmo esclarecimentos simples, que despertassem para outros conhecimentos, abrindo espaço para uma complementação a ser oferecida na disciplina específica.

Continuando a análise proposta, constatei que, no momento da apresentação das técnicas ou de sua fundamentação, a forma de fazer é apresentada como solução pronta para um atendimento. A possibilidade de adaptar esse modo de fazer em função de necessidades específicas do cliente ou da instituição de saúde não é considerada pelos autores, exceto em um dos livros, que recomenda uma visita a um serviço de saúde seguida de análise das formas de fazer encontradas na instituição. Hoje se espera uma maior autonomia do trabalhador no gerenciamento de sua vida profissional; acredito que essa análise do modo de fazer enfermagem no mundo real promove a

competência crítica do futuro profissional. A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação¹⁸ preconiza: "Nas novas formas de gestão do trabalho, os trabalhadores autômatos serão substituídos cada vez mais por trabalhadores autônomos".

Essa transmissão de informações e procedimentos pré-determinados, sem estimular a criatividade, sem incentivar o questionamento, apresentando como pronto o conhecimento teórico e prático, parece também ser uma diretriz dos livros B e C, prejudicando o papel do leitor como participante-criador. Esta forma participante de pensar educação profissional é proposta pelo CNE como aquisição de laboralidade, que é entendida como competência para "apreender os sinais da reviravolta dos padrões de qualidade e, inclusive, intuir sua direção".¹⁹ Sem sombra de dúvidas, uma educação crítico-emancipadora é a melhor forma de preparar o profissional para essa apreensão e intuição, no sentido de um projeto que permita trabalhar em equipe, tomar decisões em tempo real durante o processo de trabalho, corrigindo problemas, prevenindo disfunções, buscando qualidade e adequação ao cliente, numa perspectiva de cidadania.

Metade dos livros não demonstram um cuidado satisfatório em apresentar imagens em quantidade e localização adequada. O livro A, por exemplo, é extremamente pobre em relação à quantidade, mas as poucas ilustrações estão bem confeccionadas e localizadas. O livro B atende à expectativa de quantidade e localização, mas peca no quesito qualidade. Até mesmo erros são encontrados nos livros, prejudicando a "leitura" das figuras. Em geral, não só exigem uma melhora no sentido de facilitar a compreensão dos objetos existentes nas ilustrações, como na seqüência e correção das ações apontadas.

Uma situação encontrada no livro C serve de exemplo: nas primeiras páginas de um capítulo sobre administração de medicamentos por via parenteral há ilustrações específicas sobre administração por via intramuscular, assunto que só vai ser tratado 4 páginas adiante daquelas onde estão as ilustrações. As mesmas ilustrações são repetidas 24 páginas adiante, no tópico sobre injeção subcutânea.

Acredito que a ilustração deve favorecer ao leitor/aluno ler o texto e, paralelamente, ler a ilustração correspondente, que funciona de fato como esclarecimento ou mesmo enriquecimento.

Observei que, muitas vezes, os princípios científicos são apresentados de forma excessivamente sumária, enquanto outras vezes isso é feito através de textos exageradamente extensos. A linguagem, biomédica e utilizando vocábulos de uso estritamente profissional, algumas vezes confunde mais do que ajuda. São encontradas informações erradas, textos confusos e até mesmo discutíveis. Geralmente não existe o cuidado de esclarecer as razões dos procedimentos.

Até mesmo a conceituação de saúde, assunto controverso, mas que já avançou bastante em nosso país, como consequência da conferência de Alma-Ata, realizada em 1978, e através das discussões realizadas na 8ª Conferência Nacional de Saúde²⁰ – acontecida em década anterior à edição do livro –, é limitada a uma idéia que relaciona saúde exclusivamente à adaptação do homem ao mundo em que vive, desconhecendo sua interferência nesse processo. No livro B, saúde é entendida da seguinte forma: "Ter saúde é estar adaptado ao meio e à situação em que se vive". Um estranho conceito sobre saúde, além de perigoso, se considerarmos que essa forma de viver é própria de pessoas extremamente passivas. Isso empobrece o universo cognitivo e intelectual do leitor/aluno e induz o professor a uma ação educativa tímida, em descompasso com os novos tempos.

O universo lingüístico do leitor/aluno dos cursos Auxiliar ou Técnico em Enfermagem, originários de uma educação básica (fundamental ou média), está diretamente relacionado ao seu modo de viver – o seu universo concreto. No entanto, pode-se constatar, na maioria dos livros que estudei, que o texto sempre começa pelo conceito cientificamente elaborado (intelectualmente trabalhado), e dele parte diretamente para uma descrição sintética, mecânica, de passos a serem seguidos, sem buscar uma relação com o mundo concreto do leitor/aluno.

É evidente que as técnicas exigem um momento de descrição de uma rotina, já constatada pelo autor como eficiente e satisfatória do ponto de vista de promoção da saúde. É descrição de rotinas

sempre restringe a possibilidade criativa de um autor. Entretanto, nada impede que se considere uma seqüência mais adequada ao modo de estudar do leitor/aluno. Por exemplo: uma apresentação da realidade, seguida de uma proposição científica em linguagem apropriada – o modo de dizer do leitor/aluno – que ofereça soluções para aquela situação, fundamentando um procedimento que exige cuidados a serem executados com determinados materiais.

É particularmente preocupante a ausência de uma relação entre os conhecimentos existentes nos vários capítulos dos livros C e D, parecendo não ter havido um trabalho em equipe – se existiram vários conteudistas –, ou revisão adequada.

São apresentados conhecimentos biomédicos, e geralmente delimitados por especialidades: fisiologia, anatomia, psicologia, ética profissional etc. Outras áreas do conhecimento não são consideradas. Mesmo se as especialidades citadas forem definidas como áreas, é preciso ser dito que são apresentadas de forma independente e sem uma integração entre elas. Senti falta de uma abordagem administrativa satisfatória, facilitando a compreensão do funcionamento e possibilidades das instituições de saúde. Além disso, apenas o livro A valoriza conhecimentos comumente encontrados junto à população, origem do leitor, parte de seu mundo.

Mesmo se restringindo aos cuidados sob o ponto de vista puramente instrumental, é no mínimo discutível que os autores se prendam tanto ao ponto de vista biomédico. Num mundo em que a ciência, reconhecida como tal, admite a existência de muitos vazios em sua fundamentação, não se entende que no ensino da assistência de enfermagem, de natureza extremamente dinâmica, não se valorize a interdisciplinaridade. A aptidão necessária ao leitor de hoje exige uma maior amplitude dos princípios que fundamentam a opção do autor.

O ser que cuida e o ser que recebe o cuidado são geralmente apresentados como objetos: objeto de prestação de cuidado e objeto de cuidado. Os valores se restringem à questão formal da legislação e a textos sumários sobre as necessidades básicas das pessoas, não sendo procurada uma relação específica dessas necessidades com a atividade do profissional ou com a problemática do cliente. Nem mesmo questões básicas de segurança no trabalho são apontadas. Entretanto, a formação de uma pessoa/cidadã comprometida com a existência dos outros exige considerar a participação emocional e sensual dos atores do cuidado (cuidador e ser cuidado), suas visões pessoais de mundo e de ser humano, adquiridas no decorrer de sua vida.

Essa participação, não apenas pelo toque físico, mas também pela vivência partilhada de sensações desagradáveis (dor, confusão mental, morte), assim como agradáveis (alívio da dor, recuperação de uma função, cura), cria uma linguagem, na maioria das vezes não-verbal, que remete à reflexão de Freire²¹ a respeito do diálogo: "Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens".

Um livro didático de Introdução à Enfermagem que não enfatize os valores e atitudes do profissional, enquanto ser que também se transforma ao cuidar, promove uma educação apenas técnica, visando a existência de verdadeiras máquinas-prestadoras-de-cuidados que assistiriam clientes-objetos, na busca pela oferta incessante de produtos-de-saúde vendáveis e lucrativos. Creio que até mesmo os clientes admiradores do neoliberalismo se assustariam com esse profissional, considerando o valor dado atualmente à qualidade dos serviços, à preocupação com a satisfação dos clientes (que voltarão, ou não, a comprar esses produtos) e à questão da saúde mental do trabalhador, fonte de muitos desperdícios quando mal atendida.

Essa forma de prestar assistência de enfermagem, considerando a participação efetiva dos dois atores do cuidado, é muito bem estudada por Waldow,²² quando reflete sobre o cuidado humano. Acreditando nessa perspectiva, utilizei parâmetros apresentados por essa autora para realizar esta pesquisa. Apresentando estudos seus e de outros autores sobre o cuidado, Waldow²³ considera vários aspectos interessantes, pertinentes ao cuidado humano. Cita Watson,²⁴ que em seus estudos classifica as atividades de enfermagem em instrumentais e expressivas.²⁵ Mais adiante, mostra que a idéia de cuidado de enfermagem tem sido usada, prioritariamente, relacionada à execução de técnicas e procedimentos nos pacientes, e destaca que a participação dos pacientes no cuidado vem encontrando respaldo na comunidade de

enfermagem. Aponta, então, o cuidado com o paciente, alertando que "as prescrições agora enfatizam o favorecer, o auxiliar e o orientar para o autocuidado".²⁶

Considerarei as atividades instrumentais, expressivas e de cuidado com o paciente, aspectos interessantes para a realização desta pesquisa, visando atender a um enfoque humano, individualizado, capaz de atender o ser humano num determinado momento de sua história pessoal. A idéia de atividade instrumental é definida por Waldow (ainda citando Watson) como aquela que focaliza mais o aspecto físico, o atendimento das necessidades do paciente, tais como medicação e higiene, entre outros.²⁷ A atividade expressiva, segundo Waldow,²⁸ engloba o aspecto psicossocial, tal como oferta de suporte emocional.

Já era esperado que os livros se restringissem às atividades instrumentais, forma clássica de lidar com o atendimento. A procura por atividades que pudessem ser classificadas como expressivas e de cuidado com o paciente teve o objetivo básico de alertar quanto a essa limitação dos livros didáticos. Essa forma restrita de ver a assistência de enfermagem tende a ser assimilada pelo leitor/aluno ou leitor/professor. Enquanto isso, vários autores, na enfermagem e fora dela, ressaltam cada vez mais a importância da valorização dos aspectos sensuais e emocionais na relação entre profissional e cliente, assim como da considerável melhora imediata e mediata dos clientes que participam ativamente (do ponto de vista físico e cognitivo) na prestação de cuidado, respeitadas as restrições próprias das enfermidades.

Parece existir ainda uma tendência de valorizar a prestação de cuidados por seres que não interagem, não interferem uns nos outros, não se transformam no decorrer do cuidado.

EXERCÍCIOS E BIBLIOGRAFIA

Exercícios e atividades deveriam privilegiar o desenvolvimento das estruturas cognitivas e a análise crítica, considerando a interpretação e a argumentação dos conhecimentos. No entanto, em três dos quatro livros estudados, requerem apenas memorização, remetendo ao texto e não exigindo reflexão sobre ele. Não são variados, não apresentam situações da realidade nem estimulam a aplicação em realidades diversas. Há livros, inclusive, que praticamente não apresentam exercícios.

Parece ser extremamente difícil que os autores apresentem exercícios e atividades que estimulem a busca de formas criativas de aplicação dos conhecimentos oferecidos pelos autores. Eles se restringem a uma cobrança relacionada à sua experiência pessoal ou de autores tradicionalmente reconhecidos. A maioria dos livros analisados não propõe nenhum aspecto situacional a partir do qual poderia promover estudos de caso e pesquisas individuais e em equipe, que levassem ao conhecimento da realidade de sua comunidade e dos serviços de saúde.

A fonte bibliográfica que deu origem ao conhecimento apresentado quase nunca é citada. Vários textos parecem ter sido retirados de outras obras, que não foram identificadas pelos autores. Além disso, muitos dados estatísticos são apresentados sem identificação das fontes, o que prejudica o texto como transmissor de conhecimento científico.

Reconheço que a maioria das técnicas fazem parte de quase todos os livros e rotinas conhecidas pelos profissionais de enfermagem; no entanto, o modo de fazer dos autores sempre revela particularidades na seqüência ou na escolha de materiais, frutos de uma experiência pessoal ou recomendações de outros autores que pesquisaram assuntos relacionados a esse procedimento. Pode passar uma falsa idéia de que aquele modo de fazer foi totalmente definido em um determinado momento da história, não resultando de uma construção e aperfeiçoamento conduzidos por vários profissionais, passível de ser melhorado. Acredito que o estímulo sistemático à consulta de outros livros ou de publicações periódicas favoreça a aprendizagem por descobrimento, capacitando os leitores/alunos mais como construtores do conhecimento do que como receptores passivos.

OUTRAS QUESTÕES

A atualização parece não ser uma prática entre os autores. Mesmo considerando os custos de

uma mudança nos textos a cada revisão, ela não deveria ser dispensada, como parece acontecer. E, cada vez mais, esse descuido tende a trazer problemas para o leitor/aluno, que vive numa realidade de pesquisa contínua por parte de todos os componentes da equipe de saúde, inclusive os de nível

médio. Por exemplo, constata-se um desenvolvimento importante das empresas que prestam assistência domiciliar, inclusive com publicações específicas que apresentam pesquisas e discussões sobre as alternativas mais adequadas para essa forma de cuidar. Entretanto, a possibilidade do atendimento domiciliar, e características do cuidado relacionadas a esse espaço não são tratadas em nenhum dos livros estudados. Esse desenvolvimento da assistência domiciliar resulta, inclusive, da preocupação em atender às necessidades da população frente ao excessivo custo da internação e ao risco de aquisição da infecção hospitalar.

E, como as necessidades da população vão determinar a relevância dos cuidados ensinados, trago o pensamento de Nakamae, quando considera a importância do contexto social em que o profissional tem que se inserir:

"O ensino das técnicas de enfermagem parte e segue a passo com o aprofundamento do conhecimento da realidade social, com especial atenção, obviamente, para o âmbito da saúde, realidade essa para a qual, afinal, se voltam tais técnicas.²⁹

"A propósito, assinalaremos apenas que a qualidade da assistência de saúde tanto quanto do seu ensino teórico e prático não é um fator que se possa apreciar sem inscrevê-la em um contexto historicamente determinado".³⁰

Com essa preocupação, busquei, e encontrei em apenas um dos livros, conteúdos que valorizassem as necessidades da população, considerando que, além de prestador de cuidados, o profissional de enfermagem atua na promoção do ambiente terapêutico e na educação para a saúde, e esses papéis exigem um conhecimento razoável do público que vai ser atendido. É evidente que um livro de Introdução à Enfermagem não pode pretender apresentar todas as características das populações que vão ser atendidas pelo leitor/aluno, mas poderia apontar alguns aspectos típicos da população brasileira e mesmo de regiões do país relacionados àqueles procedimentos, favorecendo uma preocupação do futuro profissional a esse respeito e uma abertura para observar com mais cuidado as necessidades de grupos populacionais específicos (bairros, comunidades).

Essa preocupação se deve, também, à freqüente apresentação desse tema em disciplinas como Estudos Regionais e Saúde Pública, em momentos diferentes do curso e nem sempre promovendo relações com aspectos do cuidado propriamente dito. E o momento do cuidado, seja hospitalar ou não, é o momento por excelência para oferecer orientações e provocar reflexões/ações que despertem hábitos de vida sadia, assim como reduzir ou eliminar preconceitos, sem tocar em aspectos sensíveis e às vezes sofridos de alguns grupos humanos.

Freire³¹ afirma que "ao responder aos desafios que partem do mundo" o homem, como um ser de práxis, "cria seu mundo: o mundo histórico-cultural". Mais tarde, ele também afirmou que:

"É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é." ³²

Bordenave já alertava para a necessidade dos alunos e professores participarem de um diagnóstico de sua região de influência, "do qual derivariam projetos de pesquisa relativamente simples, mas envolvendo descobertas e recriações, e também projetos de intervenção na comunidade".³³

Essa possibilidade do livro didático é parcialmente atendida por um dos livros, que aponta hábitos e soluções encontrados na comunidade brasileira, particularmente quanto à alimentação e medicação.

E quando se considera a realidade objetiva deve ser lembrado o mercado de trabalho, que esse leitor/aluno vai ter que enfrentar no futuro. O desenvolvimento de competências, nesses tempos de neocapitalismo, deve proporcionar condições de laboralidade, de forma que o trabalhador possa manter-se em atividade produtiva e geradora de renda em contextos socioeconômicos mutáveis e instáveis. Não é possível deixar de atender de alguma maneira às exigências do mercado, inclusive para permitir o alcance de "alguma forma de redistribuição de renda".³⁴

Boresnstein,³⁵ justificando o conhecimento da história da enfermagem para Auxiliares de Enfermagem, cobra uma reflexão sobre as condições de trabalho, a falta de conscientização das autoridades em relação a esta atividade e sua remuneração, assim como sobre a falta de status desses profissionais. No decorrer de sua explanação sobre essa história, apresenta um retrospecto dos acontecimentos no mercado de trabalho em seu estado (Santa Catarina), incluindo quantitativo de profissionais existentes e número de leitos a serem atendidos, segundo as últimas pesquisas (1997). No entanto, nenhum dos quatro livros analisados aborda esse tema.

Tanto é importante essa forma de lidar com o conhecimento, que a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³⁶ se preocupa com a promoção de permanente estruturação, renovação e atualização dos cursos, programas e currículos, segundo as emergentes e mutáveis demandas do mundo do trabalho.

Considerando que se está tratando do cuidado humano, que implica um processo de transformação do cuidador e do ser cuidado, é necessário lembrar que a integridade e plenitude social estão englobadas na dignidade e totalidade do profissional que presta assistência de enfermagem. Entendo essa integridade e plenitude como próprias a um caminho em direção à cidadania emancipada.

Nesse sentido, lembro Giroux:

"Igualmente importante é a necessidade da escola cultivar um espírito de crítica e um respeito pela dignidade humana que sejam capazes de associar questões pessoais e sociais em torno do projeto pedagógico de ajudar os alunos a se tornarem cidadãos críticos e ativos." ³⁷

Outros autores, como Demo³⁸ e Silva,³⁹ colocam como fator essencial à cidadania, definida como "competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada", através da participação, do debate e da crítica, assumindo uma postura de transformador social.

Um dos livros apresenta textos capazes de despertar o leitor/aluno para a existência de alguma coisa além do que está evidente, particularmente questões político-sociais relacionadas ao processo saúde-doença em nosso país. Os outros livros não atendem essa perspectiva, a não ser parcialmente, se for considerada a apresentação da legislação profissional e outras relacionadas ao SUS, como formas de despertar a preocupação com as relações entre o indivíduo e os outros seres humanos. Entretanto, como não fazem nenhuma abordagem crítica sobre esses assuntos, pode passar a idéia de apenas mais um discurso moralista sobre "o que pode e o que não pode ser feito".

Nunca é demais lembrar Nightingale (1820-1910), que em seu livro "Notas sobre enfermagem",⁴⁰ texto clássico escrito em 1850, considerado o primeiro marco da enfermagem moderna, declara: "Não pretendo ensinar-lhes como exercer a enfermagem, mas peço-lhes que aprendam por si mesmas". Nesse ponto de vista, o leitor/aluno deve ser previsto como co-autor das técnicas a serem descritas. Mais que um depósito de informações, um ser com quem o autor vai partilhar um universo de conhecimentos sobre como ser capaz de oferecer condições para que o cliente/pessoa/cidadão sobreviva o mais integralmente possível a uma experiência muitas vezes dramática, participando desse momento como profissional/pessoa/cidadão.

REFLEXÕES FINAIS

Transpondo para a realidade da enfermagem constatações feitas por Freitag⁴¹ e Lajolo,⁴² considero que a prática de muitos professores se caracteriza pela dependência

profissional dos textos didáticos, e entendo que esse livro pode favorecer o conhecimento e a comunicação do professor, que muitas vezes o utiliza como uma das poucas fontes de consulta. Moreira⁴³ chega a afirmar que:

"o livro texto mostra-se diante dos professores como o único material no qual são operacionalizadas, em um nível prático, as prescrições de um programa curricular específico".

Um livro didático que se insira numa pedagogia crítico-emancipadora deve oferecer uma leitura participante, não enfadonha e distante, nunca fria e técnica, nem estimulando uma conotação de cliente (que deve ser considerado como pessoa, com direito à cidadania) como "objeto" de cuidados.

Com certeza, o livro de Introdução à Enfermagem deve colaborar na educação de uma pessoa/profissional de enfermagem, visando um afastamento do trabalho automático, opressor, freqüentemente associado ao esforço manual e físico. Esse trabalho agrega a idéia de sofrimento e, talvez por isso, recebeu uma denominação associada etimologicamente ao tripaliu, antigo instrumento usado para tortura.

Em resumo, a partir de uma análise bibliográfica, levando em consideração aspectos do cuidar, e buscando atender uma proposta pedagógica crítico-emancipadora, procurei identificar vários aspectos do livro de Introdução à Enfermagem que apontam para a possibilidade de transformar a tradicional educação para o cuidado. Esse estudo me levou a acreditar que, uma reconstrução do modo de dizer, provocando novos modos de ler, e respeitando os vários – e legítimos – modos de fazer enfermagem, seria capaz de despertar uma práxis criativa, histórica e geograficamente localizada, promotora de valores humanitários e de cidadania, alcançando os dois atores do cuidado e valorizando o labor conforme a visão de Arendt,⁴⁴ que o relaciona à ação: condição humana da pluralidade, e às necessidades vitais: "é a própria vida".

NOTAS

1 Texto elaborado tendo como referência a minha dissertação de Mestrado. Livros didáticos de introdução à enfermagem na educação profissional de nível médio: a caminho de uma educação crítica. 2000. 136 f. II. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, UNIRIO. 2000. Inclui bibliografia.

2 BRASIL. Leis, Decretos. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Documenta, Brasília, n. 423, p. 569- 586, dez. 1996. Publicado no DOU de 23.12.96. Seção I, p. 1-27.841. Estabelece as Diretrizes e Bases de Educação Nacional.

3 Id. Decreto n. 2.208, de 17 de abril de 1997. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, v. 135, n. 74, p. 7760-7761, 18 abr. 1997. Seção 1. Regulamenta o parágrafo 2 do art. 36 e os art. 30 a 42 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

4 SAVIANI, Demerval. Problemas sociais e problemas de aprendizagem. ANDE – Revista da Associação Nacional de Educação, São Paulo, n. 17, p. 5-12, 1991. p.7.

5 Apud. WALDOW, Vera Regina. Cuidado humano: o resgate necessário. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998. p. 191.

6 WALDOW, Vera Regina. Cuidado humano: o resgate necessário. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998. p. 191.

7 Id. *ibid.* p. 191.

8 ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 57.

9 Id. *ibid.* p. 60.

10 Apud. ARAÚJO, Emanuel. *op. cit.*, p. 62.

11 FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1999.

12 Id. *ibid.* p. 30.

13 ALMENARA, Julio Cabero. Avaliar para melhorar: meios e materiais de Ensino. In: SANCHO, Juana M. Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 264-278.

14 FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 15.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 120.

15 SAVIANI, Demerval. (1991) *op. cit.*, p.6.

16 MAGER, Robert Frank. A formulação de objetivos de ensino. Porto Alegre: Ed Globo, 1976. p. 1.

17 FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 88.

18 BRASIL. MEC. Diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico. Brasília: Câmara de Educação Básica, 1999. p. 32.

19 Id. *ibid.* p. 27.

20 SENAC. DN. Fundamentos da saúde 2.ed. rev. e aum. Enrites Caetano Prates Melo; Fatima Teresinha Scarparo Cunha. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999. 102 p.

21 FREIRE, Paulo (1985) *op. cit.*, p. 93.

22 WALDOW, Vera Regina. (1998) *op. cit.*

23 Id. *ibid.*

24 Apud. WALDOW, Vera Regina. (1998) *op. cit.*

25 WALDOW, Vera Regina. (1998) *op. cit.*, p. 94.

26 Id. *ibid.*, p. 128.

27 Apud. WALDOW, Vera Regina. (1998) *op. cit.*, p. 94.

28 WALDOW, Vera Regina. (1998) *op. cit.*, p. 94.

29 NAKAMAE, Djair Daniel. Novos caminhos da enfermagem: por mudanças no ensino e na prática da profissão. São Paulo: Cortez, 1987. p. 114-115.

30 Id. *ibid.*, p. 116.

31 FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 46.

32 Id. *ibid.*, p. 39.

33 DIAZ BORDENAVE, Juan E. Educar para uma sociedade participativa. Revista de Educação AEC, Brasília, ano 15, nº 59, p. 18-25, jan/mar 1986. p. 24.

34 DEMO, Pedro. Educação Profissional: Vida produtiva e cidadania. Boletim Técnico do Senac. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 3-11, jan./abr. 1998. p. 10.

35 BORENSTEIN, Miriam Susskind. A enfermagem, sua origem e sua evolução. In: ALVAREZ, Ângela Maria; GELBCKE, Francine Lima. Fundamentando o exercício profissional do auxiliar de enfermagem. 2.ed. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997, 315 p. (Série de Auxiliar de Enfermagem, v. 1). p. 11, 27.

36 BRASIL. Leis, Decretos. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *op. cit.*

37 GIROUX, Henry. Escola crítica e política cultural. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987. (Coleção "Polêmicas do nosso tempo, v. 20). p. 102.

38 DEMO, Pedro. Cidadania tutelada e cidadania assistida. Campinas, SP: Autores Associados, 1995. p. 1.

39 SILVA, Maria Anice da. Fundamentos da conduta profissional. In: ALVAREZ, Ângela Maria; GELBCKE, Francine Lima. Fundamentando o exercício profissional do auxiliar de enfermagem. 2ª ed. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. 315 p. (Série de Auxiliar de Enfermagem, volume 1). p. 78.

- 40 NIGHTINGALE, Florence. Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é. São Paulo: Cortez, 1989. 174 p.
- 41 FREITAG, Bárbara e outros. O livro didático em questão. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989. 159 p. (Coleção educação contemporânea).
- 42 LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em aberto. Brasília, v. 16, n 69, p. 3- 9, jan./mar. 1996.
- 43 MOREIRA, Manuel Area. Os meios e os materiais impressos no currículo. In: SANCHO, Juana M. Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 327 p.
- 44 ARENDT, Hannah. A condição humana. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 15.

| [Voltar](#) |
